ANO 6.º — Sexta-feira, 27 de Junho de 1913 — NUMERO 277

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	« 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	« 2,50
Avulso	« 0,02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

RECORDANDO

Com este titulo, publicou na *Lucta* de ontem o ardente republicano, dr. João de Menezes, éstas linhas que oferecemos tambem aos nossos leitores para termo de comparação entre o passado e o presente ou seja entre os defensores do antigo e do novo regimen:

A ultima sessão em que funcionou a ultima câmara dos deputados da Monarquia realisou-se em 11 de junho de 1910. Abriu ás tres horas e terminou ás quatro horas e dez minutos da tarde. Do principio até ao fim decorreu tumultuosa, terminando no meio das maiores injurias, trocadas entre os deputados monarquicos, e aos gritos de—*Abaixo os ladrões do Crédito Predial!*

O ministério presidido pelo sr. Veiga Beirão desapareceu e D. Manuel chamou o sr. Teixeira de Sousa a constituir govêrno; o ultimo govêrno dum regimen que os proprios partidários desfizéram acusando-se mutuamente dos maiores crimes e acusando tambem o rei de cumplice de alguns dos criminosos, que êles apontavam como sendo os mais culpados e os mais perigosos.

A defêsa da Monarquia, nos ultimos tempos da sua existencia, estava entregue aos reaccionarios, que aliás não deixavam de ameaçar o rei e se propunham organisar uma ditadura de caracter militar e clerical. Assim o afirmava o *Dia* de 27 de julho de 1910, em termos que não podiam deixar duvidas a ninguem: «*No norte do pais—declarava o* Dia—*e especialmente no Porto, teem-se feito tentativas junto de oficiais do exercito, para uma intentona de caracter conservador e clerical. Podemos fazer esta afirmação porque temos a êsse respeito informações positivas.*»

Documentos publicados depois de proclamada a Republica, mostram que a afirmação feita pelo jornal monarquico referido era absolutamente verdadeira.

Escusado será dizer que o movimento, dirigido por individuos do Paço e das Congregações, tinha como principal objectivo esmagar o partido republicano.

De resto, os reaccionarios não ocultavam os seus propositos, e assim, na reunião da *Liga Monarquica*, realisada no dia 26 de julho de 1910, e na qual tomaram a palavra quatro padres, foram aprovados os votos de louvor e as denuncias que constam do documento seguinte, reproduzido no *Portugal*:

1.ª—Para que ficasse exarado na acta um voto de louvor ao sr. juiz do 2.º districto criminal, dr. José Rodrigues dos Santos, *pela firmeza e correcção com que fez respeitar a lei e a austeridade do tribunal, por ocasião de um julgamento no dia 13 do corrente, e que se désse conhecimento ao mesmo sr. juiz désta deliberação, fazendo-lhe constar quanto a Liga de Defêsa Monarquica admira a sua nobilissima atitude nésta época de dissolução moral e cobardia.*

2.ª—Para que na mesma acta ficasse exarado um voto de louvor ao sr. dr. José Paulo Monteiro Cancéla, procurador régio, por ter mandado querelar os semanários republicanos *O Rebate* e *A Verdade*, respectivamante de 28 e 30 de abril ultimo, *honrando assim a Liga de Defêsa Monarquica, cuja mesa da assembleia geral, em cumprimento da decisão da mesma assembleia, chamou a atenção de s. ex.ª para o facto dos referidos semanários terem incitado o povo á revolta, sem que a respectiva autoridade tivésse procedido nos termos da lei, e que désta deliberação se désse conhecimento ao referido magistrado e se lhe fizesse constar quanto foi agradavel á Liga esta prova do respeito que a lei merece a s. ex.ª*.

3.ª—Para que fôsse proclamado socio benemerito o sr. Alfredo Augusto Samuel Santos, em atenção aos relevantes serviços prestados á Liga e á causa monarquica.

4.ª—Para que a mesa da assembleia geral dirija ao ministro da marinha uma representação chamando a atenção de s. ex.ª para o artigo *A chacina*, publicado pelo comissario naval reformado, Marinha de Campos, no jornal *A Capital*, de 17 do corrente.

5.ª—Para que a mesma mesa dirija ao sr. procurador régio outra representação sobre factos aludidos na proposta anterior para que s. ex.ª se digne mandar proceder contra o referido jornal de 17 do corrente, nos termos da lei de imprensa.

A gente da *Liga*, que assim procedeu, foi a mesma que recebeu palavras de louvor ao seu patriotismo, por parte de D. Manuel, quando apareceu no Paço a reclamar a energica aplicação do Regimento aos deputados republicanos; era a mesma que na sessão acima referida, votava que fôsse enviado a D. Manuel este curioso telegrama:

El-Rei — *Bussaco* — *Assembleia geral* Liga de Defêsa Monarquica, *interpretando sentir opinião pública sincéramente patriotica, protésta contra decreto amnistia que consta govêrno tenciona apresentar vossa magestade por serem nele incluidos crimes lesa-patria.*»

Ninguem sabe quaes eram os crimes de lesa-patria a que se referia o telegrama. Sabe-se que não havia a amnistia senão para os acusados de delitos de imprensa ou de fazerem parte de associações secretas, sobre os quaes nem todos os monarquicos, aliás, podiam falar como inocentes.

Os documentos, que deixâmos reproduzidos, mostram bem que propositos animavam os realistas. Muitos daqueles que aplaudiam as perseguições aos republicanos, que protestavam contra qualquer amnistia e preparavam o movimento destinado a estabelecer uma ditadura militar, encontram-se hoje no estrangeiro conspirando contra a Republica, e de territorio estrangeiro saíram armados para atacar o nosso país. Com eles enfileiram alguns que, em tempos, os acusavam de receber ordens de personagens estrangeiros, não só para combater os republicanos mas até os proprios monarquicos que se diziam liberaes.

Muita gente esqueceu já os ultimos e odiosos tempos da Monarquia.

Pois não é de mais recordal-os quando os realistas, atacando a Republica, ao mesmo tempo atacam o país com o auxilio de estrangeiros.

Conflito

Uma dentada

Quando apareceu aí o primeiro numero dum jornal, após a proclamação da Republica—que, antes, o *Democrata*, só, chegáva para tudo—vimos, que a cérta altura do artigo programa se dizia textualmente isto, que arquivámos, como de résto guardâmos o que apareçe e tenha relações com o movimento politico que temos vindo acompanhando, verdadeiramente interessados, de ha uns bons quinze anos a esta parte:

. . . .

«Com o *Democrata* e com o nosso querido amigo Arnaldo Ribeiro, mantêmos a mesma amizade, a mesma solidariedade de sempre.

Aqui queremos até exprimir-lhe a nossa admiração pelas suas qualidades de combatente e pelo muito que tem lutado pela Republica. Havêmos de lhe dár ainda uma mais alta prova de dedicação, de reconhecimento, de amizade, de estima.»

. . . .

E é que deu. Pela bôca dum dos redactores da *Liberdade*, o deputado Ratóla—não confundir com o revolucionário Alberto Souto—recebemos na segunda-feira a tal *prova de dedicação, de reconhecimento, de amizade, de estima* num estabelecimento público da cidade onde despreocupádamente entrámos, saindo pouco depois a desinfectarmo-nos duma mordedura do deputado Ratóla, que désta maneira se quiz desforçar de pseudos ataques á sua dignidade quando o que aqui temos feito é comparar o seu passado com o presente e demonstrar á clarividencia quanta razão nos assiste em repelir toda a solidariedade com individuos cujos processos politicos e modos de viver, por imorais, não honram nem o partido republicano democratico nem as proprias instituições a que se acolheram dando-lhe um falso apoio que não póde ser sincéro exatamente porque lhe falta a base principal—o desinteresse.

Ao conflito, que bréve foi apaziguado devido á intervenção de algumas pessoas, sucederam-se os comentários, alguns com cérta graça pela originalidade da agressão.

Com efeito éla foi o que se chama originalissima e é de molde a imortalisar um deputado que dos dentes se serve como arma de combate para afirmar a sua *dedicação, reconhecimento, amizade* e *estima*...

Mas nem mordendo serão capazes de nos fazer calar.

FILMS...

Martélos...

No diário matutino de Lisboa, *Republica*, e com o titulo que estas linhas encima, vem o seguinte comentário á passagem dum artigo nosso sobre o atual republicanismo do sr. Barbosa de Magalhães & C.ª que não deixa de ter graça encerrando ao mesmo tempo um cunho de verdade que pedimos licença para acentuar: *E' porque éssa* **firma**, diz a «Republica», *pertence ao numero dos que entendem que nêste mundo uns nasceram para bigorna e outros para martélo. Por isso colocou-se logo depois da proclamação da Republica, ao lado do martélo, que nêste caso é o sr. Afonso Costa, e contra a bigorna, ou sejam os velhos republicanos aveirenses.*

Chamem-lhe nomes a vêr se êles se importam...

Diferenças

O mesmo jornal referindo-se á cêna de pugilato havida entre o nosso director e outro cavalheiro, escreve:

A dente... Do *Seculo* de ontem:

Na tabacaria Veneziana, em Aveiro, houve cêna de pugilato entre o deputado Alberto Souto e o redactor do *Democrata*, sr. Arnaldo Ribeiro, ficando este ferido na face com uma dentada e aquêle tambem magoado. O caso é muito discutido.

Temos só a observar que os dois contendores são ambos correligionários políticos.

Mas quanto a processos, divérgem como toda a gente sabe.

Eleições

Fala-se em que teremos eleições ainda este ano estando já a ser montada em algumas localidades a *maquina eleitoral*.

Não acreditâmos. A *maquina eleitoral* foi coisa que acabou, como acabáram os *caciques* e tudo emfim quanto era monarquico.

Para dar logar aos republicanos...

Boatos

Tem-se espalhado que os monarquistas preparam nova incursão pela fronteira hespanhola devendo o movimento rebentar antes do Outono para mais facilidade das operações.

E' o terceiro acto. E, com franquêsa, o govêrno déve fazer os possiveis porque seja o ultimo

Com um pouco de tática...

Novo infante

A rainha Vitória, de Hespanha, deu á luz no dia 20 outra creança do sexo feminino que, com o ceremonial do costume, já foi apresentada á côrte começando logo a vencer os seus ordenados.

E' um nunca acabar...

Denunciando

O *Camaleão*, por aquêles grandes oculos de aumento que lhe fazem vêr um cavaleiro onde só está um minusculo argueiro, quando está, enxergou que néstas colunas saíram *alusões caluniosas para os membros do govêrno* e por isso péde ao *integro magistrado do ministério público* que promova o respectivo procésso.

Ha vóses, porém, que não chegam ao céu e latir de cães que nunca se ouve...

Louvado seja Deus...

Agora sim...

Nas colunas do orgão *Camaleão* do sr. Barbosa de Magalhães apareceu *um pouco de historia* com que se pretende *provar* que êsse jesuitico papel já era republicano antes do 5 de Outubro.

Fala-se muito na dissidencia progressista, em sentimentos liberais e campanhas de moralidade pelo que vâmos opôr a toda éssa amalgama de palavras ôcas e hipocritas o desmentido que nasce da verdade por que sempre aqui temos pugnado.

Já viram alguma vez *palhaços* mais descarados do que estes?...

GOVERNADÓR CIVIL

Regressou a esta cidade, após a sua ida á capital, o ilustre governador civil do distrito, sr. dr. Alberto Vidal.

Levaram-no a Lisboa varios assuntos de interesse publico e a resolução doutros pendentes, que s. ex.ª tratou com o seu nunca desmentido interesse e—é esta uma das suas mais belas qualidades—sem o antecipado réclamo com que muitos costumam alardear os mais insignificantes actos da sua vida de funcionarios de categoria, como é o dr. Alberto Vidal.

Cumprimentando s. ex.ª que, como preito de verdadeira homenagem, temos de declarar, tem servido com a maior lealdade o regimen, recebendo por isso tambem o aplauso dos velhos republicanos, fazemos votos para que á digna autoridade continuem merecendo sempre toda a sua dedicação os interesses desta cidade e distrito, com a mesma solicitude e decidida boa vontade com que tem até hoje sabido manter honrada e respeitosamente o elevado cargo que exerce.

O S. João

Decorreram incipidos os festejos ao Precursor que aí se realisaram, não acontecendo, porém, o mesmo na Barra onde nos dizem ter havido animação durante o *banho santo* ao qual acorreram centenares de pessoas das aldeias.

Por iniciativa do sr. Luiz Cunha, que é um grande entusiasta por as coisas da Barra, tivéram alí logar algumas diversões préviamente anunciádas o que ainda mais atraíu os forasteiros cujo numero excedeu bastante o dos mais anos.

O sr. Alpoim

RECAPITULANDO

Quando aqui, com a cortezia que sempre nos merecerám aquêles que pelo seu talento e pelos seus esforçados serviços á Liberdade, nos referimos ao sr. Alpoim a proposito das alusões por distinto jornalista feitas aos incidentes politicos que ultimamente entre nós se tem desenrolado, tivémos apenas em mira, além dum pouquito de historia, passada e presente, do sr. Barbosa de Magalhães, para nós muito conveniente que fôsse do conhecimento do sr. Alpoim, fazer tambem calar no espirito de s. ex.ª as várias razões que nos levâram, falando pela bôca de todos os bons e leais republicanos—historicos ou não—a chamar ao sr. Barbosa de Magalhães *antigo monarquico*.

Essas razões demonstrámolas de sobejo sobre quanto do caso escrevemos, ha dois ou tres numeros salvo erro, e assim fizémos vêr, provando, que o sr. Barbosa de Magalhães tinha sido monarquico, o que o sr. Alpoim corrobora, e continuava mantendo-se dentro desses principios, garantido pela sua atitude de guerra e de odio a quantos se insurgiram apenas contra a prática de determinadas infamias que se fizeram dentro da monarquia e tambem se praticáram e pretendiam continuar dentro da Republica. E' intuitivo que um bom republicano não combate outros sómente por que estes não pactuam com imoralidades, não sancionam, com o seu silencio, crimes.

Largamente aludimos e comprovámos todos os actos, indiscutivelmente e inconfundivelmente demonstrativos dos velhos e tradicionaes sentimentos de arreigada reacção religiosa que tem sido, em todos os tempos, a nota mais nitidamente carateristica de toda a familia, desde o esforço na luta a favor das irmãs da caridade, do cortejo á imaculada, até á visita feita, pontual e infalivel, ás sextas-feiras, ao Senhor dos Passos. Não esqueçâmos tambem a parte integrante tomada em todos os cortejos processionaes, passeando-se as ruas, d'opa e tocha, bentinhos ao pescoço ou conduzindo o guião, ás borlas, em qualquer logar, emfim, bem penteados e enluvados, marchando cadenciosa e gravemente, fitando com languidez beatas e jesuitas, na exterior convicção, que assim é que se ganha o Ceo e engrola o Deus desta religião, que não só consente que hipocritamente o acompanhem *devotos* desta força, como permite que o invoquem, enviando-lhe graças, quando alguma navalhada por eles atirada atingiu o coração daqueles... que não vão feitos na festa.

Não incluimos as numerosas recéções de *ramos* indicativos de que a ilustre familia é irmãsinha de quantas confrarías e egrejinhas existem.

Como testemunho insuspeito do que dizemos bastaria folhear a colecção do *orgão*. Se o sr. Alpoim, numa das horas de repouso, infelizmente impostas pelos seus dolorosos achaques, podesse faze-lo!... Que surprêsa dolorosa não lhe invadiria o espirito! Aquilo não era um jornal—era um *Florus Santorum* ilustrado! Ha de tudo ali—a imagem do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora das Dôres, do senhor bispo conde, de Nossa Senhora de Lourdes, de França e da Carregosa, Ecce Homo, do sr. José Luciano, do ultimo monarca D. Manuel e como prova bastante da grandeza e conscienciosa da crença da familia, lería V. Ex.ª coisas que o deixariam abismado para o resto dos seus dias.

Mas, voltando ao principal ponto das nossas referencias: foram logo aproveitadas pelo Cagliostro familiar as palavras do sr. Alpoim, que, reproduzidas no respectivo orgão, com o batismo—*Lição de mestre*—se pretendeu delas tirar falsissimas ilações. Tomando quanto o sr. Alpoim refere na sua carta aludindo a alguns homens que na dissidencia jogaram a liberdade de mistura com algumas figuras proeminentes do partido republicano, apropría o papel a seguinte tirada de fantastica bravura e heroicidade, que é digna de registo, por edificante:

. . . . . *arrastaram pelas prisões largos dias de amargas dôres. Com eles estaria o sr. dr. Barbosa de Magalhães se uma angina apanhada nos conciliabulos das noites anteriores o não houvesse prostrado na vespera do dia em que todos deviam reunir-se.. para marchar sob as garras dos janisaros da época. Por cá dormiam-se então os sônos regalados, etc.*

Sem querermos indagar as razões porque o sr. Barbosa de Magalhães, ainda que inibido pela maldita angina de figurar, embora com antecipado conhecimento da inutilidade do seu sacrificio, na conhecida marcha *sob as garras dos janisaros da época*, estranhâmos comtudo não fossem avisados pelo menos os valorosos revolucionarios familiares de cá, para evitar-lhe dormirem pecaminósos *sônos regalados*, o que não era de estranhar nos que se encontravam alheiados *aos conciliabulos das noites* e dos efeitos inesperados das traidoras anginas...

Aqui, sem essa dolorosa contrariedade, sería erguido o bra-

do redentor se a ele não se antecipassem tambem algumas dôres de barriga a inutilisar a bravura dos heroes, como a *angina* aniquilou a do sr. dr. Barbosa de Magalhães, que, como tal, todo o país admira, venéra e consagra!...

Mas quando se esfregavam as mãos em regosijo pelas sentenciosas palavras do ilustre homem publico que foram interpretadas convenientemente por o orgão familiar, chegava ás mãos do sr. Alpoim o nosso humilde jornalsinho, supomos nós, e em vista da sua leitura, escreveu s. ex.ª o que se segue, e que muito nos penhora ainda que taes palavras firam bem intimamente tantos quantos se empenham, em vão, para que nos julguem de fórma contrária.

Diz assim o distinto autor das *Cartas de Lisboa*, na sua de 20 do corrente publicada no *Janeiro*:

> O *Democrata*, ilustre jornal radical de Aveiro, ocupa-se do autor destas cartas a proposito do sr. dr. Barbosa de Magalhães. Parece, ao lê-lo, que eu me envolvi em conflitos politicos de Aveiro, entre demoratas, e que tomei a defêsa deste meu antigo amigo politico e sempre bom amigo pessoal. Não conheço sequer esses conflitos! E Deus me livre de neles me envolver. Se eu estou fóra de toda a actividade partidaria, como podia enredar-me em taes assuntos? Num jornal, repito, que não é democrata, falava-se no sr. dr. Barbosa de Magalhães como se fosse um mau republicano... por haver sido monarquico. Notei a injustiça politica. Mais nada. Já expuz, aqui, o que pensava sobre a inconveniencia, a má acção patriotica, de se estar agredindo velhos monarquicos que pretendem servir a Republica. E essa inconveniencia, e má acção, são agravadas com o haver, em todos os partidos, antigos monarquicos, e em maior numero franquistas, especial e amoravelmente favorecidos com altos logares. Eis o motivo dos meus reparos. Não falei no sr. dr. Barbosa de Magalhães, distinto advogado e parlamentar, para o exaltar ou defender, para me pôr ao seu lado em questões que não conheço nem quero conhecer. Este meu amigo, desde o advento da Republica, encontrou-se tres ou quatro vezes comigo na rua, trocando breves palavras; vemos-nos de quando em quando, de longe, sem nos falarmos, no Supremo Tribunal de Jusça; e mais nada.
> ....

Natural e logicamente o sr. Alpoim ladeia os pontos essenciaes da questão, classificando de injustiça politica chamar-se *antigos monarquicos* aos que pretendem (?) servir a Republica. Declara que não quiz defender o sr. Barbosa, deixando vêr dentre as suas palavras, como que uma atenuante para o seu antigo correligionario, na sua atual situação, comparada com a doutros antigos monarquicos, incluindo franquistas, *especial e amoravelmente favorecidos com altos logares.*

Não falou no sr. Barbosa *para o exaltar e defender nem pôr-se a seu lado em questões que não conhece nem quer conhecer.*

Perfeitamente logico. Se s. ex.ª as quizesse conhecer e publicamente mostrar que delas estava inteirado sería por sua parte inevitavel a condenação de Barbosa de Magalhães. Nas suas palavras, porém, o sr. Alpoim afasta-se diplomatica e airosamente do seu antigo correligionario, não se colocando comtudo ao nosso lado, o que a ignorancia das questões levantadas naturalmente impéde, como s. ex.ª afirma, e assim... nem mal com Deus nem com o diabo --antes pelo contrario.

Se, porém, s. ex.ª, por hipótese, bem entendido, mais uma vez aludisse ao *Democrata* e lhe chamasse *ilustre*, ainda que como delicada fórmula jornalistica, sería o sr. Alpoim, sem duvida, alvejado com algum adjétivo ou referencia especial, em que o orgão da familia é sempre tão fertil e generoso. Desde José Estevam, ex.mo sr., até ao mais humilde cidadão, que não leia na velha cartilha familiar, tem certo, naquele antigo repositorio, o premio que lhe é devido. A classificação de *ilustre* que v. ex.ª num requinte da sua reconhecida amabilidade nos endereçou, produziu anormaes derramamentos biliosos no sacripanta que rabisca em estilo Jaime José, no afamado orgão. Se v. ex.ª repéte o adjetivo é certa a investida. Para ela não desejâmos concorrer. E' divisa velha da casa—*quem não fôr por nós é contra nós.*

Como v. ex.ª está vendo... e nós tambem...

A SITUAÇÃO FINANCEIRA

Nota sobre a divida flutuante externa

Dimanada do ministério das Finanças acabâmos de receber a seguinte circular:

A divida flutuante externa, incluindo a quantia que o Estado ainda tinha em seu poder e devia entregar aos Caminhos de ferro do Estado para conclusão da construção do caminho de ferro do Vale do Sado, era em 31 de dezembro de 1912 representada pelas seguintes importancias em ouro e correlativas verbas em dinheiro português, ao par:

	OURO	ESCUDOS (ao par)
a) Caucionada por 72.718 obrigações Cam.os ferro Taxa de juro 5 1/2	fr 21.000.000	3:780.000$
b) Caucionada por titulos da divida publica, em Londres, Taxa média 5,55	lb 920.000	4:140.000$
b) Caucionada por titulos da divida publica, em Paris, Taxa média 5,55	fr 9.900.000	1:782.000$
c) Sem caução alguma—taxa média 5,52	lb 232.795,6,10	1.047.579$
d) Resto do emprestimo destinado aos Caminhos de ferro do Estado		1:702.000$
		12:451.579$

Para fazer face a este débito, tinha o Tesouro naquela data, no estrangeiro:
Lb. 679.261,17,6 ⋈ Fr. 280.954,07 ⋊ Marcos 75.535,15 = Esc. 3:124.245$

Se entregassemos estas sômas, o débito em 31 de dezembro de 1912 sería de. . . . . 9:327.344$

*

Pagamentos em conta da divida flutuante externa desde 10 de janeiro de 1913:

	Ouro	Escudos (ao par)	
Janeiro	lb 47.000	211.500$	
Fevereiro	fr 1.600.000	288.000$	
Março	lb 178.000	801.000$	
Abril	lb 906,0,5	4.077$	
Maio—Pagamentos aos Caminhos de ferro do Estado		1.702.000$	
Junho (a pagar no dia 30)	fr. 1.750:000	315.000$	3:321.577$

Estará, pois, o total dos débitos reduzido em 30 de junho de 1913, a. . . . . 9:130.002$

E como se paga em 20 de julho o suprimento de Fr. 21.000.000=. . . . 3:780.000$

ficará o débito reduzido, ainda que outros suprimentos se não paguem, a. . . . . 5:350.002$

Alem disso, a taxa média do juro não fica superior a 5,35.

*

As disponibilidades do Tesouro no estrangeiro são hoje aproximadamente: Lb. 624.425 ⋈ Fr. 10.166.000 ⋈ Marcos 120.000= Escudos. . . . . 4:674.712$

E, devendo realisar-se durante os seguintes 30 dias, entradas e saídas nas importancias aproximadas de: Entradas: Lb. 92.000 ⋊Fr. 2:740.500=Escudos . . . . . . 907.290$

Saídas: Lb. 50:000 ⋊ Fr. 23:300.000 ⋊ Marcos 40:000=Escudos. . . 4:430.250$

ou seja, uma saida efectiva na soma de. . . . . 3:522.960$

as disponibilidades do Tesouro serão em 21 de julho (depois de pagos os Fr. 21:000.000 e Fr. 1:750.000) correspondentes aproximadamente a Escudos . . . . 1:151.752$

Se entregassemos esta soma, o débito em 21 de julho de 1913 sería, pois, de . . . . 4:198.250$

Assim, em resumo:

Diferença entre a totalidade da divida flutuante externa em 31de dezembro de 1912 . . . . 12:451.579$
e em 21 de julho de 1913 . . . . 5:350.002$

Para menos . . . . . . 7:101 577$ (mais de 57 %)

*

Feitas as compensações entre os débitos e as disponibilidades:
Diferença entre o débito em 30 de dezembro de 1912 . . . . . . 9:327.334$
e em 21 de julho de 1913. . . . . 4:198.250$

Para menos . . . . . . 5.129.084$ (quasi 55 %)

*

Para atingir esta melhoria de situação, o Tesouro publico não teve necessidade de solicitar novos emprestimos, nem alienou ou deu em caução quaisquer titulos da divida publica ou outros valores do Estado. Pelo contrario, tem já resgatado muitos titulos e valores, que voltaram aos seus cofres, livres e desembaraçados. O Estado beneficiou da prosperidade crescente do país, que se acentuou neste ano de 1913, e da confiança publica, cada vez mais radicada, nas novas Instituições. E a final os numeros demonstram mais uma vez este axioma, tantas vezes, infelizmente, esquecido:—que o desafogo do Tesouro resultou essencialmente, como condição *sine qua non*, da diminuição de despesa e do aumento de receitas. Continuar este caminho, é ter a certeza de que Portugal não sómente se salvou pela República, mas restabeleceu, graças a éla, em pouco tempo, as condições de vida de um povo moderno, de que se encontrava tão afastado.

Ministerio das Finanças, em 18 de junho de 1913.

O Ministro das Finanças,
Afonso Costa

Achado

Não tendo até hoje aparecido ninguem a reclamar um objecto de ouro encontrado no Largo do Rocio por ocasião da feira de Março e que aqui foi devidamente anunciado, declara-se que de acordo com a pessoa que o achou vai este ser vendido e o produto entregue ao *Centro de Educação do Outeirinho* afim de com êle se adquirirem livros para as creanças.

NOTAS DA CARTEIRA

Fez ontem anos o nosso amigo sr. Manuel Luiz Coimbra Flamengo ora ausente e empregado numa importante casa de comissões e consignações do Rio de Janeiro.

Felicitâmol-o.

= Chegou na sexta-feira a ésta cidade acompanhado de sua esposa o nosso amigo Raul Vidal, tenente farmaceutico do Ultramar, que aqui conta passar os seis mezes de licença que lhe fôram concedidos.

= Estivéram em Aveiro os srs. Americo de Azevedo, industrial em Coimbra; Manuel de Almeida Vidal, da Moita; João Afonso Fernandes, da Quintã do Laureiro; Clemente Simões e esposa, de S. João de Loure, etc.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Para traz!

Pátétoide com pretensões a *fazedor* de prédicas tristes, arrastadas naquéla velha e estafada meluria de que o emerito intrujão é mestre, meteu-se-lhe na cabeça nivelar os outros com autenticos monstros de aberração e do crime, na doce esperança de que alguem o tome a sério—o imbecil!—quando o mais seguro confronto deveria ser feito com êle—alma de esterco com focinho de bull-dog.

Não ha ninguem a quem o triglodita não tenha salvo, não tenha posto com a sua valiosa pessoa e proteção a coberto de horrorosas penalidades! Nos outros tudo são crimes; nêle tudo bondades remedios proteção.

Eles tudo fazem aos outros e a êles nunca os outros nada lhes fazem.

Entende o palerma que ao insignificante serviço que quotidianamente entre si todos os homens prestam, qualquer que possa ser—ou grande ou pequeno—se por tal gente prestado, devemos acorrentar-lhe eternamente a nossa liberdade, a nossa acção, o nosso pensamento.

Contudo pódem fazer o contrario porque só a êles assiste direito para isso.

Atraz de miseraveis ambições, de vergonhosas ganancias tem êsse pátétoide, aos seus mais intimos amigos, que tão significativa e valiosamente a sua amizade por várias vezes lhe provaram, levado as maiores afrontas, a mais vil ingratidão.

Mas o zoilo supõe e julga que em qualquer campo da sua acção, só a êle e sempre a êle assiste direito e justiça!

Enchendo a bôca de favores e de protecções, parabolicamente, naquéla frase artimanhosa de seu uso; deixando antever misterios e crimes nas entrelinhas dos arrasoados com vaidosas pretensões a modelares, o mariola tenta levar ao espirito de quem tem ainda a paciencia de o aturar que a tantos quantos êle manhosamente se refere, são verdadeiros e autenticos salteadores, ladrões, assassinos, bandidos da peor especie!

Fala em galés, com a mesma facilidade com que escreve as maiores calunias, as mais negregadas mentiras, não tendo pejo—o reles fariseu!—de insinuar que não têmos autoridade moral para dêste reduto, que é o *Democrata*, denunciar ao público todas as infamias que nésta terra se veem praticando com tanto de audácia como de compromisso para a honra das instituições republicanas, que não são, positivamente, aquélas deante das quais se rojáva como o mais infimo dos lacaios, sempre receioso, amedrontado, bajulador, para agora renegar todas as afirmações, subditas vassalagens, com o cinismo que nem o mais cinico dos bandidos sería capaz de egualar!

Fala em contas, o sacripanta. Contas de quê? Porventura quem dirige este jornal déve alguma coisa a alguem? Já praticou algum acto de que se possa envergonhar? Falem claro, seus pulhas, que não possuimos a vossa cobardia nem os vossos instintos para exercer perseguições aviltantes como éssas de que tendes lançado mão para nos estrangular a voz.

Contas?! De que fômos sempre humildes e honestos sem conhecermos a *plataforma* que faz dum individuo que só vive do seu trabalho, proprietario?

Porque não sustentâmos agencias clandestinas de exploração?

Porque não nos apossâmos, a titulo de dedicação, de aquilo que é dos outros, praticando verdadeiras extorsões mascaradas por uma falsissima amizade?

Como nós toda a gente voltou as costas á misera torpêsa que a fantasia do pátétoide creou, deixando o malandrim espétorar naquéla toada de sermão de lagrimas o vocabulario batido de sempre, seja contra quem fôr que pretenda atingír.

Não nos encomodam as infamissimas insinuações feitas por qualquer imbecil que se julgue nêsse direito.

Como até hoje, continuaremos a merecer a consideração de todos os homens de bem, seja qual fôr a sua posição social, que nos cumprimentam e apertam a mão, e continuaremos a estar decidida e desinteressadamente ao lado da verdade e dos principios que toda a nossa vida, modesta mas resolutamente, temos defendido, ainda que colhendo duras consequencias, natural resultado da nossa fé e da nossa vontade.

Mas ha excéções? Sim, ha. Entre outras a do conhecido bandoleiro que disparou mais uma vez o ferrugento trabuco carregado, até á bôca, de calunias e mentiras, sem felizmente ferir nem sequer assustar alguem.

O pulha, que julga todos os outros por si e por si avalía as qualidades dos que não dizem *amen* nem se curvam deante das indignidades, das baixêsas e das malandrices duma casta que é tudo quanto ha de mais vil, de mais imundo, de mais imoral.

O vigário de Aradas não aderíu á Republica, não aceitou a pensão, não reconheceu a Cultual e abandonou a egreja.

Pergunta-se: póde continuar a reter os livros paroquiais quando outros em egualdade de circunstancias fôram dêles despojádos?

Póde continuar a ser funcionário da Republica quem por todas as fórmas lhe tem demonstrado a sua hostilidade?

Respondam os sábios da natura...

Insultos

Acostumáram-se as *lidimas individualidades* da nossa terra de que já fazem parte republicanos *historicos* e *republicanos adesivos*, por causa das conveniencias, a verem em tudo quanto aqui escrevemos de censura aos seus actos públicos *insultos*, *injurias* e *faltas de respeito*, quando a verdade é que nada disso póde vêr néstas colunas quem fôr suficientemente sério e conhecedor das virtudes e outros atributos que concorrem e se adaptam ás qualidades de tão altas personagens.

O caso é este—não se déve chamar gatuno ao gatuno, malandro ao malandro, pulha ao pulha porque isso afecta os timpanos de *suas ex.as* que querem passar na sociedade por gente limpa, de *cotação social*, dando-se fóros de honestidade, que não tem, de cavalheirismo, que nunca possuiram.

Pois tenham paciencia; portuguêses nascemos e portuguêses havemos de morrer. Se pecâmos é tão sómente por dizer a verdade; a verdade que fére, que confunde, que aniquila, mas a verdade, que para nós representa a conquista do ideial por que combatemos e está integrado no regimen republicano como a nossa alma se integrou de ha muito no coração daqueles que não vivem nem nunca viveram da crapula, do vicio, do crime.

Fiquem disto todos cértos.

CONFRONTOS

ONTEM E HOJE

Atravez do orgão, em Aveiro, do "deputado democratico,,, Barbosa de Magalhães

A El-Rei o Senhor D. Manuel II

«A tempestade que acoutou as suas derradeiras horas de infancia, porque a infancia de El-Rei terminou naquéla hora amarga em que o infortunio lhe fez alvorecer os dias de reinado, calou no animo generoso da nação, que ergueu altares á sua dôr e levantou, nos escudos da sua tradicional maganimidade, a corôa que hoje aureola a sua fronte palida e serena.

Uma esperança, uma promessa, uma garantia de paz por amor da Liberdade e da Lei, transparece, na sua doce e melancolica fisionomia, aos olhos da população portuguêsa.

E éssa população, carinhosa e boa, sagrou no moço Principe, sobrevivente daquéla grande catastrofe, o novo Rei.

Fêl-o num compassivo impulso de dôr pela desgraça e **de amor pela instituição nacional que a Monarquia simbolisa.**

De como se não enganou, de como a não iludiu falaz confiança, dil-o-ha o futuro, que começa desenhar-se num largo horisonte azul pelo que El-Rei jurou cumprir, com um alto relevo para o prestigio do trono e do seu nome: solidificar no reconhecimento da soberania popular o edificio da Monarquia constitucional.»

Aveiro, 27 | 11 | 908.

F. de Vilhena

(Do numero especial do *Campeão das Provincias* publicado por ocasião da vinda do ex-monarca português a Aveiro.)

Dr. Afonso Costa

. . . .

«Desde a expulsão dos josuitas e de todas as congregações religiosas até á separação da Egreja do Estado, actos que só por si valem o esforço dispendido para a implantação da Republica, até ás menos importantes providencias judiciaes, o trabalho do dr. Afonso Costa tem sido inegualavel, de importancia, de novidade e de audácia.

E' bem um trabalho de reformador republicano e democrata, dum homem de raro merito e não menor energia fisica e moral.

. . . .

O novo regimen trouxe já, como se vê pela simples emuneração das leis emanadas do ministério da justiça, e trará ainda dentro em breve, com outros diplomas que devem ser promulgados, uma completa transformação da sociedade portuguêsa, libertando o individuo, libertando a familia, libertando o Estado, dignificando o individuo pela instrução e pelo trabalho, e assentando esses dois organismos sociaes em bases humanas, solidas e indestrutiveis, que sejam a garantia da paz interna e externa.

. . . .

O país, que nas entusiasticas manifestações que tem prodigalisado ao dr. Afonso Costa, tem sabido expressar a sua admiração pelas suas poderosas faculdades, exara tambem nas festas com que o recebe o seu reconhecimento pelos seus extraordinarios serviços á Patria e á Republica.

Daqui levantâmos hoje tambem, como o país, o brado de **Viva a Patria! Viva a Republica! Viva o dr. Afonso Costa!**»

(Do *Campeão das Provincias* de 29 de Abril de 1911.)

LOGICA? COERENCIA? NÃO!... BATATAS!

—=(*)=—

No n.º 95 do periodico local *A Liberdade*, lê-se esta carta:

Ex.mo sr. dr. Mélo Freitas
Aveiro

A V. Ex.ª como primeiro sinatario do oficio que, em nome da mesa da reunião do Partido Republicano de Aveiro, ha tempos realisada no Centro déssa cidade, me foi dirigido, venho acusar a sua recéção e agradecer as palavras lisongeiras que me diziam respeito expressas na moção votada. Não póde, contudo, sofrer modificação a minha atitude, a não ser que o futuro me prove que foram por mim mal interpretados os factos que resolveram o meu alheamento das organisações partidarias, tais como élas teem existido néssa cidade, factos que apesar dos protestos em contrario, eu ainda hoje vejo como na data em que se déram.

Não seria sincéro se assim não falasse e se não exponho mais uma vez as minhas razões, é simplesmente porque julgo inutil uma discussão com os sinatários da acta déssa reunião, pessoas que eu muito considéro.

Saude e Fraternidade

Aveiro em 3 de dezembro de 1912.

Alberto Souto

E a seguir:

E' escusado dizer-se que a intransigencia do nosso director em se manter afastado da politica de Aveiro, por cujos interesses materiais e morais trabalha com o costumado afinco, é um ponto de vista exclusivamente local.

. . . .

Que o partido local faça a politica que quizer, pela fórma que quizer.

Nós ficâmos melhor assim.

. . . .

Pois bem: quem se dér ao trabalho de lêr agora a prosa do jornal em questão ou se ri como nós rimos da figura que está fazendo na politica o deputado Ratóla—não confundir com o revolucionário Alberto Souto—ou sofre uma déstas manifestações de nojo que nem quantos desenjoativos ha seriam capazes de o evitar.

Positivamente isto está condenádo. Pelo menos emquanto não fôr extinta a raça dos *Bichêsas* com todas as suas aderencias, que é o peor mal de que hoje enferma ésta terra, tão digna de melhor sorte.

A questão de Aradas

Continua á espera de solução o caso de Aradas, que perante a expressa letra da lei não póde ter outra senão aquela que em identicas conjunturas tem havido com diferentes eclesiasticos, e que no momento presente se impõe por todas as circunstancias e mais ainda—porque a população religiosa da freguezia está mantendo do seu bolso e á sua custa o exercicio do culto.

Por aí, muito intencionalmente, alguem tem feito correr varias e completas calunias contra a cultual daquela freguezia atribuindo-lhe procedimento e acções que nunca teve. A Associação Cultual, colocando-se onde deve estar, alheiada a todos os preconceitos e paixões, não tem levantado o mais leve atrito ao exercicio do culto, sejam quais forem as circunstancias, dentro da lei, bem entendido, em que lhe tenham sido solicitadas autorisações.

Assim, concedeu licença para o funeral católico da esposa do sr. Manuel Germano Simões Ratola, tem permitido batisados, missa todos os domingos e dias santos, e ainda ha pouco uma estrondosa festa a S. João, devida á iniciativa duns admiradores e devotos do popular santo, havendo missa, missa cantada, sermão, etc., isto é, todo o ceremonial na mais completa tranquilidade e absoluto respeito.

E' preciso que bem consignado fique no espirito de todos a verdadeira situação daquela freguezia, sob este ponto de vista, para que não sirva ela de pretexto para a justificação de errados e caprichosos procedimentos que só trazem e mantêm o mal estar dos paroquianos.

Vejâmos as coisas com olhos de vêr e não ao paladar dos que só pretendem aparentar razão e justificar processos, que muitos outros anteriores... estão a desmentir e a falar bem alto.

Não nos iludâmos.

Carlos Calisto

—=(*)=—

Quando, faz hoje oito dias, enviávamos para a impressão as paginas deste jornal, traziam-nos os diários do Porto a desoladora noticia da morte do senador Carlos Calisto, que foi indubitavelmente um dos maiores propagandistas republicanos e esforçados lutadores pelo ideal triunfante em 5 de Outubro de 1910.

Conheciamol-o desde a fundação da *Revista Republicana*, em Lisboa, que teve efêmera duração, e por isso o admirávamos como de resto admirâmos todos os homens dignos e coerentes que se não bandeiam nem se vendem antes seguem a linha de conduta uma vez traçada quaesquer que sejam as contrariedades que daí lhe advenham. E Carlos Calisto era um desses.

Morreu. Deante da sua memoria nos curvâmos associando-nos ao luto de toda a sua familia e dos seus velhos companheiros da imprensa onde trabalhou.

E siga a fita...

—=(*)=—

Transcrevemos textualmente do *Jornal de Noticias*, do Porto, isto que encontrámos na secção dos anuncios:

Uma carta

Do distinto clinico o ex.mo sr. dr. Pereira da Cruz, recebemos a seguinte carta:

Ex.mo sr.

O *Petroleo* preparado por V. alia o util ao agradavel; porque além de ter um aroma suave, destroe a caspa e dá ao cabelo flexibilidade e vigor; pelo menos foi isto que observei num cliente que usou dêste preparado. Rivalisa com o petroleo Hann sendo o preço dêste duplo do *Petroleo* preparado por V.

Aproveito a ocasião para pedir o favor de me enviarem mais 3 frascos, reservando-me para em ocasião oportuna lhe dar mais amplas informações sobre os resultados colhidos.

Aveiro, 18—VI—913.

De V., etc.

(a) *Manuel Pereira da Cruz*

—=—

O **Petroleo Figueiredo** vende-se nas principaes farmacias e drogarias e no Deposito: **Farmacia Figueiredo**, rua de Cedofeita—Porto. Preço 600 reis.

Ainda faltava mais esta: o medico Pereira da Cruz a réclamar um *petroleo* para caspa de que péde mais tres frascos *reservando-se para em ocasião oportuna dár mais amplas informações sobre os resultados colhidos!*

Nunca vimos que medico algum de Aveiro se prestasse a trazer o seu nome nos jornaes servindo de réclamo a quaesquer preparados. Só Pereira da Cruz, o delegado de saude dêste distrito, que por bem conhecido se não confronta

Mais 3 frascos de petroleo!

Não é muito atendendo ao valor do atestado analitico que Pereira da Cruz se propõe passar.

Solidariedade

Ainda a proposito da nossa condenação

Lisboa, 21 de junho de 1913.

Meu caro Arnaldo Ribeiro

O falecimento de minha sogra ha dias e varias preocupações de espirito, impediram que ha mais tempo lhe significasse o quanto me magoou a desconsideração que altos poderes da Republica lhe fizeram, a V. Arnaldo, que devotadamente pela vitoria dum regimen que nos dignificasse, e redimisse tantos anos lutou. E' assim a politica, meu caro, doloroso me é constatá-lo, a mim sincéro republicano, a 3 anos de prática do novo estado de cousas, para o qual, em luta porfiada, com tanta ancia pugnei!!!

A Humanidade é tosco barro, em que não cabem as utopias e quimeras de romanticos e sonhadores, e, scepticamente o confesso, nós, republicanos sincéros, não passámos ingenuamente de sé-lo...

Com um abraço, creia-me, como seu antigo colaborador,

Am.º correlig.º dedic.º

F. A. Carneiro.

Serra da Estrela 23—6—913.

... Sr.

Estou satisfeitissimo com a orientação, devéras firme, do jornal de V.

Da campanha de moralidade que V. traçou contra os pessimos costumes da monarquia, conclui infelizmente que alguns politicos se deixaram comêr, calcando assim as verdades e fazendo sêr condenado num tribunal um republicano trabalhador e honésto, como é V.

Mas, meu cáro amigo, dê tempo ao tempo. A verdade é como o azeite e portanto com o andar do tempo éla surgirá limpida a derrubar todos os malandrins que hoje covardemente a calcam.

. . . .

Sem mais, disponha do amigo e correligionario

João Santiago

De *O Brado*, de Ilhavo, de 25 de Maio:

Processo de imprensa

Terminou no dia 22 o julgamento do sr. Arnaldo Ribeiro, director do jornal de Aveiro *O Democrata*, que fôra querelado pelo medico miliciano Pereira da Cruz, acusado por aquele jornal de isentar mancebos do serviço militar por dinheiro. O sr. Arnaldo Ribeiro foi condenado em 6 mezes de cadeia remiveis a 400 réis diarios, custas e sêlos e uma indenisação de 200$000 reis ao autor.

Ao ser lida a sentença houve uma manifestação de agravo ao sr. Pereira da Cruz, manifestação que fóra do tribunal se repetiu e ao advogado deste, sr. dr. Marques Loureiro.

DR. AMORIM DE LEMOS

—((*))—

Passou no dia 7 de Maio o aniversário do dr. Amorim de Lemos a quem foi feita em Quepem (India Portuguêsa) onde exerce as funções de delegado do Procurador da Republica, uma ruidosa manifestação de simpatía por parte dos seus numerosos amigos, de que nos dá conta a seguinte noticia insérta no *Heraldo*, de Nova Gôa:

«O sr. dr. Manuel Pereira Amorim de Lemos, ilustre delegado do Procurador da Republica na comarca de Quepem, por motivo do seu aniversário natalicio que passou a 7 do corrente, como havia noticiado, foi alvo de carinhosas manifestações de simpatía e apreço por parte de seus varios amigos, admiradores e subordinados.

A' madrugada dêsse dia foi surpreendido com um prolongado tiroteio de foguetes entre estralejar de salvas dos morteiros e maviosos acordes duma filarmonica, que executava lindas peças. A's 12 horas, os funcionarios de justiça, seus subordinados, em um imponente cortejo acompanhados da banda de musica dirigiram-se á residencia de s. ex.ª para o felicitar tendo nésta ocasião, em nome dos mesmos funcionarios, lido uma vibrante saudação de frases empolgantes, prova de extrema dedicação e simpatía, o sr. José Lourenço de Sousa Morais, digno contador-destribuidor désta comarca, aos quais o sr. dr. Amorim de Lemos agradeceu cativadissimo obsequiando-os com sua costumada galhardia. Em seguida ofereceram ao sr. dr. Lemos uma caneta de ouro que trazia a seguinte inscrição: *Souvenir funcionarios subalternos justiça. Quepem, 7—5—1913.*

A' noite o sr. dr. Amorim de Lemos, deu na sua apalaçada residencia, uma *soirée* que decorreu muito animada até ás 6 horas da manhã entre variados e profusos serviços e cativantes amabilidádes dos ilustres donos da casa que cumularam os inumeros convivas saindo muito bem impressionados.

Contando nós, como contâmos, o dr. Amorim de Lemos no numero dos nossos melhores amigos, faltariâmos a um dos mais sagrados deveres se daqui o não felicitassemos tambem acompanhando em espirito todas as manifestações de apreço com que o teem distinguido.

Os comboios do Vale do Vouga

Carta aberta ao sr. Presidente do Ministério

Trata-se do ramal de Aveiro, cujo *terminus* sempre se disse que era Albergaria-a-Velha, e não a Sernada, como agora se diz no horario atual.

Senhor Presidente do Ministério!—No dia 22 de maio do corrente ano, entrou em vigor um novo horario dos caminhos de ferro do Vale do Vouga, sendo a circulação dos comboios de tal modo organisada que, para esta vila, fôram suprimidos dois: os comboios n.os 8 e 11, isto é, o que chegava a Albergaria-a-Velha ás 11,36 e o que partia para Aveiro ás 14,50. Este comboio muito utilisava aos albergarienses e povos limitrofes que necessitavam e desejavam viajar áquéla hora para o sul, como fôsse ir até á capital do distrito ou seguir para Lisboa.

A supressão (entre a Sernada e Albergaria) dos dois comboios, que haviam sido estabelecidos quando da inauguração do ramal de Aveiro em 8 de setembro de 1911, foi um verdadeiro desastre para o *turiste* da região e para a economia, expansão comercial e industrial dos povos relacionados com a séde do concelho de Albergaria-a-Velha, a começar na capital do distrito até á pequenissima povoação da Sernada!

Assim, todos os passageiros procedentes de Aveiro, Eixo, S. João de Loure, Eirol, Travassô, Cabanões, Casal de Alvaro, Orônhe, Agueda, Mourisca, Carvalhal da Portela, Macinhata do Vouga, Jafafe e Sernada, que tenham necessidade de vir a esta vila—Albergaria-a-Velha—para regressarem a casa no mesmo dia, não o pódem fazer, pois não ha um unico comboio para isso!

Não se acredita, mas é verdade, embora em outra párte não suceda semelhante coisa.

Qual é a via ferrea, pois, que num percurso de 42 kilometros, que tantos serão os do ramal de Aveiro a Albergaria, o passageiro não tenha um unico comboio para regressar a casa no mesmo dia?!

Só esta, a do Vale do Vouga!

Para que se constroem então os caminhos de ferro, se êles não hão-de utilisar aos povos? ...

Puramente condenavel, tal retrocesso!

E nada ha, para nós, que justifique semelhante atentado ás regalias dos incolas das povoações servidas por esta via ferrea, pois é sabido que os comboios suprimidos acusaram sempre saldo e não *deficit*. Por conseguinte é de toda a justiça que os comboios n.os 8 e 11, e que agora ficam a uns 7 kilometros de Albergaria—na Sernada, um pequeno lugarejo no sopé dum monte, sem comodos de especie alguma, onde não existe uma unica via de comunicação para quem quizésse ir ali de carro—que os comboios n.os 8 e 11, repetimos, sejam quanto antes restabelecidos com o mesmo trajecto do precedente horario.

E' uma medida economica que se impõe, tanto em beneficio da propria Companhia—e portanto do govêrno português, que se obrigou á garantia do juro—como dos povos lesados.

E porque assim deve ser, apezar de não nos sorrir a esperança de se fazer justiça sempre que a invocam para os casos dignos déla, como este, é que nos dirigimos a V. Ex.ª a impetrar as irrecusaveis e hipermerecidas providencias, se bem que o assunto esteja afecto a outra pasta. Mesmo porque a excessiva complacência com que alguem tem sempre acolhido e deferido, um tanto *a la diable*, todas as pretenções da Companhia, merece ser espreitada e reprimida.

Nada; aprovar-se tudo quanto os senhores francezes engendram a seu talante, com menospreso do interesse público, é coisa que bem póde colidir com a isenção, dignidade e patriotismo, que devem ser apanagios do novo regimen. E o atual serviço dos comboios a que vimos aludindo é realmente digno de reprovação, porque não deixa de ser pessimo, economicamente falando.

Se não parecesse brincadeira de crianças, nós pediriamos aqui com insistencia ao sr. ministro do fomento que conservasse indefinidamente este *belo* serviço de comboios... como indestrutivel padrão de gloria dos que para tal concorreram...............

. . . .

E no entanto, Senhor Presidente do Ministério, é bem para entristecer que os povos daquélas terras, contribuindo tambem com as suas decimas para o tesouro nacional, não usufruam as regalias que era dever proporcionar-lhes (embora pagando) este caminho de ferro, ao qual o nosso govêrno ha muito assegurou a garantia de juro, como acima se diz!...

Albergaria, 28—5—913.

F. P.

AGENCIA DE RECRUTAS EM AVEIRO

Não abre este ano, nem o seu proprietario faz contratos com os mancebos que desejem ficar isentos da vida militar ainda mesmo que ofereçam mais do que o COSTUME—*50$000 reis.*

Aviso aos interessados

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Percébem, seus burros?

Referir um facto, fazer a citação duma ocorrencia passada na vida dum povo quer na dum individuo, nunca será ofende-lo nem ultraja-lo. Então a historia teria de alterar a verdade rigorosa dos acontecimentos e apresentar-nos-ia medidos pela mesma bitóla de bons patriotas, todos quantos ela condena por falta de patriotismo, ou pela exigua grandêsa de caracter.

Os actos que se prendem com a vida publica seja de quem fôr não pódem deixar de referir-se, quando o tenham de ser, sem que isso possa implicar outro motivo que não seja revive-los por necessidade de provar afirmativas, que se pretendem desmentir, blasonando-se que da parte de quem se contradita ha apenas ruins instintos e manifestos propositos de citar nomes de quem não existe, com o exclusivo sentimento de amesquinhar ou ofender a sua memoria.

Esta explicação provém das infamissimas referencias que nos teem feito de que é intuito exclusivo nosso injuriar o falecido Barbosa de Magalhães quando numa alusão feita a um acontecimento publico ao qual ficou ligado o nome do extinto, nós aqui, sem outra intenção mais do que a necessidade de apontar tal nome, o escrevemos.

Mas se entendem que assim é, naturalmente competiria aos que tanto se revoltam contra a profanação, que só eles viram, não provocarem a continuação de polemicas que oferecem esse perigo e que apesar de tudo pretendem alterar, adulterando a verdade dos

CLUB DOS GALITOS

Excursão á Povoa do Varzim promovida por este Club e acompanhada por uma excelente banda de musica, em 3 de Agosto de 1913

2.ª CLASSE—1$500 3.ª CLASSE—1$100

ITINERARIO: Aveiro-Gaia (com paragem em Estarreja); Gaia-Boavista, em eletrico; Boavista-Povoa do Varzim.

A inscrição acha-se aberta na séde do Club e em diversos estabelecimentos

factos, de inteiro conhecimento de toda a gente.

O falecido Barbosa de Magalhães, presidiu á eleição da meza da Misericordia, empenhando-se pelo triunfo da lista que patrocinava e que era a destinada a legalizar a admissão das irmãs de caridade, que já estavam, no entanto, ao serviço no hospital e que pela desordem e manifestações violentas provocadas pelo lançamento de listas na urna, que evidenciavam a perda da eleição para os clericaes, fugiram pelas trazeiras do edificio e Barbosa de Magalhães da egreja, onde não mais foi visto!

O snr. Magalhães, com toda a sua familia, patrocinava a admissão das irmãs de caridade no hospital de Aveiro. E' inegavel.

E como prova do que afirmâmos, testemunhas desses acontecimentos nos vieram aqui corroborar êssa verdade e dentre elas uma que nos prometeu jornaes e manifestos desse tempo que iremos reproduzir.

Os nossos leitores vão vêr capitulos edificantes da historia dos atuaes *republicanos democraticos* da Vera-Cruz, que merecem, realmente, ser aproveitados... para guano...

Se ninguem protége o padre Pato, se o vigário de Aradas não tem no ministério da justiça pessoa que lhe dispense atenção, como é que ainda se conservam em seu poder os livros paroquiaes depois das provas que tem dado de rebeldía ás instituições?

A BOA DOUTRINA

—(*)—

Volta o esclarecido correspondente désta cidade para o jornal *O Povo*, de Lisboa, a ocupar-se da política local e fal o com tanta força de logica e tal clarêsa que para aqui o transcrevemos com o nosso sincéro aplauso, embora saibâmos antecipadamente que nada se fará do que vem indicado nêssa correspondencia e era justo que se fizésse.

Pondére-se bem entre a nossa orientação e a da matilha de aventureiros que para aí existe:

AVEIRO, 16.—Do Diretorio do Partido Republicano Português, dêsse alto corpo dirigente do mesmo partido, esperam os republicanos de Aveiro a solução das questões irritantes que ultimamente aqui se teem debatido na imprensa e em reuniões do partido local.

O nosso querido amigo dr. Marques da Costa, ilustre deputado por este circulo, já entregou ao Diretorio um relatorio circunstanciado dos factos ocorridos. Pronuncie-se êsse alto corpo dirigente, apasigue os animos se é capaz, ou dê a razão a quem de direito pertença.

Nésta situação não póde nem deve manter-se o partido republicano local.

Chame a si, se tanto fôr preciso, a colecção dos jornaes o *Campeão* e *Democrata*; avalie com justiça dos serviços prestados ao partido republicano por um e por outro e pronuncie-se com franqueza, sem contemplações, que não lhe seria dificil obter a prova *provada* de que lado está a razão, o brio e a justiça.

Dentro do corpo dirigente do partido encontra-se uma alta individualidade politica que, pelo seu passado de combatente ilustre e pelo presente de graduado disciplinado, sofreu insultos e sua familia do jornal o *Campeão*, quando veiu a esta terra em excursão de propaganda republicana. Certos de que esse grande tribuno esquece velhos agravos, verá com imparcialidade a quem assiste a razão e o direito.

E' urgente que o Diretorio lavre o seu *veredictum*, para pôr cobro de vez a estas insinuações malevolas que se estão lançando sobre velhos republicanos e caratéres honestissimos, só porque teem a hombridade de dizer bem alto que não se sujeitam a subserviencias de qualquer especie ou a vexames de qualquer ordem.

Dentro do partido republicano cabem todos os portuguêses? E porque não?! Sómente os principios democraticos lhes impõem o dever de ser honestos. Nada mais claro, nada mais justo para todos aquêles que entendem que devem abraçar o nosso velho e glorioso partido com o proposito firme de bem o servir e á Republica.

Entrem todos os portuguêses para a Republica, que para todos ha logar, mas entrem de passo firme e resoluto, sem tibiezas e sem rancores, e nunca ás cabriolas, aos saltos, sem equilibrio estavel. Num equilibrio indiferente não pódem manter-se, é pernicioso, é intoleravel um tal estado; entrem com o estomago de reserva e nunca com êle vasio á procura da têta exausta do orçamento.

Mantenham-se numa atitude corréta, aprendendo a lutar na hora do perigo, junto dos soldados velhos, em defêsa dos principios e em defêsa da Patria, que para tantos é desconhecida.

Entrem na Republica tendo em mira a sua defêsa e nunca a sua ruina, lançando-lhe ás têtas maior numero de famintos.—*C.*

Muito bem, muito bem.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO

DIAS	PHARMACIAS
29	MOURA

Será verdade?

Consta que o *Melro*, o *Cancélas* e o *Sarrilhas* vão dissolver a sociedade que tinham para o livramento de mancebos da vida militar porque houve da parte dum socio falta de camaradagem no infortunio...

Esperâmos mais amplas informações.

Junta da Barra—Casas no Forte

Até ao dia 30 do corrente recebem-se na secretaria do Govêrno Civil e dirigidas ao presidente da Junta, propostas em carta fechada para aluguer das casas que a mesma Junta possue na praia do Forte.

Sobre as propostas será tomada deliberação na primeira sessão que se realizar depois daquêle dia.

CORRESPONDENÇIAS

Cacia, 23

As festas ao S. Simão na Quintã do Loureiro

Com este titulo publicou o *Democrata*, no seu numero 265 uma noticia referente aos festejos do S. Simão na Quintã do Loureiro, désta freguezia. Ora nós já aqui prevenimos a comissão de que as festas nos dias 7 e 8 de Setembro seriam desertas visto que nêsses dias se realisa a tradicional romaria do S. Paio na Torreira, aonde concorrem os povos de todo o distrito de Aveiro. Dissémos então e dizemos hoje, que as nossas festas serão muito prejudicadas na concorrencia, que é o que lhe dá o verdadeiro brilho, além do inconveniente na mudança da feira, a unica que têmos cá e que receiamos muito pela sua vida, caso agora seja mudada como se pretende visto não quererem fazer a festa em Outubro como era antigamente, e nós opinâmos.

Convença-se a comissão que os nossos desejos são, afinal, porque as festas revistam o maximo de brilhantismo. Mas isso não vêmos nós pelos receios apontados e de aí a nossa insistencia, do que pedimos desculpa.

S.

Alquerubim, 25.

Continúa o tempo excelente para o desenvolvimento dos milhos do campo que prometem bôa colheita. De vinho haverá uma colheita regular, se não vierem alguns ataques de *mildio*.

= Esperam-se por estes dias, na Fontinha, o sr. Manuel Pereira Martins e algumas pessoas de sua familia, que estão em Lisboa desde janeiro deste ano.

Que cheguem sem novidade é o que lhes desejâmos.

= Sepultou-se ontem a sr.ª Maria Poutinha, que foi uma bôa dona de casa, esposa dadicada e mãe carinhosa.

A seu marido, que é um honrado cidadão e a toda a familia os nossos pêsames.

Anuncios